

DANTE — HISTÓRIA E PROFECIA

M. C. TAVARES DE MIRANDA

De uma experiência pessoal o poeta-pensador, Dante, nos traça na “Divina Comédia” a história do homem e de seu destino, com o fim, como êle mesmo declara em carta a Can Grande della Scala, “de remover da vida do pecado aquêles que vivem no estado de miséria, para conduzí-los ao estado de felicidade”.

Qual o sentido e significação desta história? eis a nossa pergunta.

E o que vemos à primeira vista é uma apresentação dos atos e hábitos humanos; mas desde que nos detemos na análise do poema, somos conduzidos pelo poeta até o que fundamenta os atos, e somos impelidos a abordar a realidade sob dimensões de saber metafísico, teológico e místico.

A “Comédia” descreve a trajetória do homem com o tempo. O homem que indaga, representa e recria tôdas as coisas, refletindo a sucessão de seus dias acumulados de instantes, do ontem, hoje e amanhã, até u’a meta final, em que ela se torna a concreção de uma duração, permanente.

E a fé, esperança e amor cantados no poema, são-nos provas dêste compreender comêço, etapas e fim de todo um curso de tempo humano. Não só uma relação dos acontecimentos e, nisto, foge de ser uma narrativa do acontecido, mas é uma referência, em alusão e sugestão, ao que já veio, e é pré-suposto.

Esta a razão, aliás, do sentido alegórico, moral e anagógico da “Divina Comédia”, ou seja o da indicação de uma verdade oculta, sob uma expressão diferente, pelo indizível da linguagem na tradução do pensamento, ou seja o da aplicabilidade, ou ainda o da orientação conduzida a uma transcendência, a que nos leva Dante, através de sua experiência, como o

homem que sabe e que nos ensina, pedagogo e guia, mostrando caminho até a etapa final.

Alegoria e anagogia revestem as profecias dos instantes, que exigem discernimento do absoluto e relativo dos atos, sentido moral, dos princípios, razões, fim da criatura homem, em sua própria realidade, sentido metafísico. E do discernimento dos instantes em sucessão, a profecia se exprime como alegoria da duração.

É neste sentido que, um retroceder ao passado na visão de Dante, é ir apanhar o que preparava ocultamente o futuro, um profetizar retroativo, visto no seu presente, como pleno de significação ao futuro. Não mais uma predeterminação dos acontecimentos, uma "fortuna" ou destino cego, fatalidade, mas uma "fortuna" ou razão de ser, uma providência com base numa infinita inteligência e vontade, fruto portanto de decisões. E diante destas razões de ser, absolutas, encontra-se o homem, razão e vontade, para uma aceitação consciente de um plano da Providência divina, o qual deve orientar-lhe a vida, e a êle compete, enquanto ser livre, também, a afirmação da origem de tôdas as coisas e do que devém.

E isto é uma inteligência da história do homem e do mundo, através mesmo do mutável e transitório dos acontecimentos.

"Agora, ó filho, podes ver a curta duração dos bens atribuídos à Fortuna, pelos quais a espécie humana tanto se degladia" diz Virgílio.

"Mestre, lhe disse eu" (diz Dante): "explica-me ainda, que coisa é essa Fortuna, em que tocaste de passagem, em cujas mãos se acham todos os bens mundanos?"

"E êle me respondeu, exclamando: "Ó criaturas insensatas, que profunda é a ignorância que vos degrada! Quero agora que a minha doutrina a todos esclareça".

"Aquele, cujo saber transcende tudo, criou os Céus e designou a cada um deles uma inteligência diretora, de modo que da sua alta esfera se torne visível a tôda a parte da terra, distribuindo luz com igualdade, e proporção:

Semelhantemente impôs aos esplendores humanos uma ministra, e motriz universal que de tempos em tempos transferisse os bens caducos de nação a nação, de família a família, sem que nessa permutação intervenha o arbítrio do homem.

Por onde se explica que, ao passo que uma nação impera, outra decai, segundo o juízo daquela ministra universal, que é oculto como a serpente sob a relva.

O vosso saber não pode impedir as suas permutações: ela provê, julga, e governa o seu reino como as outras inteligências regem o seu".

(*Inf.* VII, 61, 67-87).

Neste sentido a história em Dante é considerada ontológica e existencialmente, porque inserida em sua própria existência, testemunha uma verdade. Essencialmente esta história é intra-temporal, e diz da experiência de nossas liberdades, e isto faz a história universal do homem, como ser de decisão, na aceitação e encaminhamento dos fatos.

E tôda a intenção ética de Dante é relacionada com sua experiência histórica, porque é um ter e ser experiência de suas opções e do que as fundamenta, ponderando entre seu querer e seu dever, seja através de uma rejeição ou de um consentimento. E a história de sua liberdade de homem é a história de sua trajetória de homem culpado, e redemido, que para uma compreensão integral de seu ser, vai investigar desde a natureza do ser criado, e através de seus estados de queda original, de remissão e de luta contínua em seu ser para o assentimento de uma revelação. Daí ser uma história, esta da experiência humana, em que metafísica e revelação se unem para uma compreensão da falência e esperança humanas, sobre os dados da natureza e da graça, da razão e da fé.

Porisso mesmo a "Comédia" traça a história de Dante, que não se limita a um relatar de suas experiências individuais, mas ela se completa, numa exigência interna, como história integral e universal, uma história dos atos de Deus e dos homens, de duas liberdades e vontades, a infinita e finita, que se encontram em um certo instante, que é tempo, seja do homem, seja de Deus.

E Dante, como poeta-pensador, sabe condensar em um instante único, como expressão, o que na vida do homem, é também momento único, conjuntamente dado, (cada momento ou instante da vida é único em sua essência para nós, único e irrepitível, e aqui todo o mistério da nossa responsabilidade

e destinação), seja através de sua experiência de amor, ou de própria experiência política.

Nem só a natureza, ou a ética ditam as normas do meu agir e apresentam os valores a serem reconhecidos universalmente. Mas há, e isto constitui uma exigência fundamental ao ser que somos, há um *a mais*, uma atualização neste instante, único, das ações, onde e quando se é convocado a uma doação ou recusa, que só compete a nós decidir, porque vivendo o instante, experienciando-o, podemos coligir as exigências primeiras, ontológicas, e éticas, com as exigências de um determinado momento.

Aqui o irrepitível da história, e dos atos, pelo que se estabelece e se deriva, conseqüentemente, dos encontros das vontades e liberdades.

E a cada momento estas normas que se exigem fundamentalmente devem ser inseridas numa novidade absolutamente radical.

Esta experiência do homem, múltipla e diversa, realizada através das épocas, mas continuamente a mesma, — e não se diga igual —, que em cada *agora* do homem, seu instante, é interrogação pelo seu eu que transita e que, no seu experimentar homem e através de suas experiências, mede a sua duração e mede o permanecer das coisas no seu viver. E isto o prova ser história, ser de passado, de presente, e de futuro; ser de processo e de projeção, ser de antes e depois.

E enquanto interroga sua experiência do existir, êle é contato, em seu instante, da visão dialética do tempo, como destinação e cumprimento decisivo de exigências, inserção dos *antes* e dos *depois*. Seu momento, o da decisão, o seu *agora*, é o presente.

A possibilidade de contar o seu passado e meditar o seu futuro, sua possibilidade de agir, é tempo, porque é seu processo do existir, como originar e descobrir; é história como o estender-se, acontecer; como projeto de repetição ou recriação. Invenção, onde condensação e tensão a, memória e profecia indicam movimento.

Eu digo movimento e não simples mudança. Movimento ou ato, um aperfeiçoar, um realizar-se pleno. Êste movimento é experiência de encontros, ou seja, é a experiência da

história, o experimentar-se homem, pelo seu decidir-se, assumir tempo, em formas de decisão. Experiência do homem que só se realiza no instante; repito, no instante de encontro de tempos e liberdades.

E que foi, melhor que é, o amor em Dante e a própria visão política nêle? senão este encontro? portanto uma história!

História do amor plenificado, que se saboreia, é o Paraíso, “concentração num fogo aceso pelo amor de tôda a luz espalhada pelo universo”, “a forma universal de tudo quanto foi criado, e dizendo isto sinto que se me dilata com maior deleite o coração”, e “minha mente suspensa estava fixa, imóvel e atenta, e mais ansiosa de ver quanto mais olhava, pois é tal o efeito daquela luz que não é possível afastar da sua claridade os olhos em busca de qualquer outro aspecto. Nela se resume todo o bem que serve de objeto à vontade; fora dela é defeituoso o que ali existe de mais perfeito” (*Par.* XXXIII, 85-87, 91-93, 97-105). História de amor intemperante, defectivo, distorcido, é o Purgatório; e o não encontro é não-amor, e é o Inferno.

E sua visão política não é também uma distinção de ordens do temporal e do espiritual, sob uma harmonia superior, a de um Bem supremo, que o Primeiro Amor “que tudo move”, “que move o sol e as demais estrelas” (*Par.* XXXIII, 145) destinou ao gênero humano? (Cfr. *Mon.* III, 8-10).

Êste conhecimento do que acontece é, em Dante, um procurar orientar-se ao que é, para descobrir o que constitui o mistério da perda ou salvação do homem, através de indagações filosóficas que se nos apresentam pelas palavras de Virgílio, o homem do saber natural, da razão, através de saber teológico e do saber da fé, onde Tomás de Aquino, Boaventura, Beatriz, são os seus mestres, e através do saber místico, pelo devoto servidor da Virgem Maria, mestre espiritual e homem da Igreja, cujas pregações e escritos falam da salvação do homem, e de sua felicidade que consiste no fruir eternamente de Deus, pelo conhecimento e amor na eternidade, e “que com seu espírito de contemplação neste mundo, gozou antecipadamente daquela bemaventurança”, (*Par.* XXXI, 110-111), São Bernardo.

Nisto talvez, uma outra razão do *sublime* e do *difícil* na compreensão de Dante, porque através de tôda alegoria, num intento de tornar mais acessível a verdade, há uma constante da revelação do mistério cristão.

Se por um lado a indicação do Amor de Deus, Criador e Providência, também Deus que é Verdade e Justiça, e a apresentação do homem, pecador, e a origem do mal auxiliam à compreensão da nossa realidade, por outro lado nos colocam de cheio em meio do mistério do homem e mais ainda do indizível mistério de Deus. Seu compreender da natureza humana e sua confiança no homem, ser racional e ser livre, — e disto é prova o canto X do *Paraíso*, 133-138, onde Siger de Brabant ao lado de Tomás de Aquino, é por êste elogiado, em sua função poética de mestre da filosofia de Aristóteles, filosofia da razão natural, que é conciliável com uma teologia, como a do tipo tomista —, são confirmados cada vez mais à medida que avança na intelecção do homem integral, natureza e transnatureza, natureza aperfeiçoada pela graça, que não a destrói, ao contrário, a supõe, pela razão coroada pela fé, que é a inteligência a penetrar no reconhecimento das ações divinas e aderindo à Sua manifestação pela Palavra Transcendente.

Sua fé é a dimensão de seu amor esta “substância das coisas que se esperam e o argumento das que não se vêem, e esta parece-me ser-lhe a essência”, diz no *Paraíso* XXIV, 64-66. “Os sublimes mistérios que aqui se me apresentam evidentes, tão escuros são aos olhos terrestres que não existem senão na crença, sobre a qual se funda tôda a nossa esperança; e por isso toma o nome de substância. Sobre tal crença convém argumentar, sem atender a nenhuma outra prova; e por isso toma o nome de argumento” (*Par. XXIV*, 70-78).

Nenhuma irracionalidade pois, conquanto viva em não-formulações.

E a esperança “é a certeza da vida futura, produzida pela graça de Deus e pelos méritos precedentes” (*Par. XXV*, 67-69). Expectativa e confiança, pois, no futuro, no qual tôdas as coisas chegam ao seu termo.

* * *

História que também é profecia, desde que ela se refere a êste acontecimento único de uma decisão livre e de um destino, em um instante único também, que se faz pelo encontro dos tempos e das vontades.

Daí o sentido do evitar previsões, a partir de dados atuais apenas campo do verossímil, para afirmar um imprevisível. É um inteligir sobre e na realidade, com base na fé. Concepção do mistério cristão, com base na doutrina da Sagrada Escritura e no magistério da Igreja.

Dante nos diz uma história que se faz entre uma justiça liberadora e um destino, e confessa êle, então, num anseio de intelecção, que “bem percebe que nosso entendimento jamais se sacia, se não recebe a luz da Verdade, fora da qual verdade nenhuma existe” (*Par. IV*, 124-126).

A viagem pelos três reinos do além, é um apontar ao homem tal qual foi, é, e será, a sua realização de acôrdo com a liberdade de suas decisões, tentando revelar-lhe o absoluto.

Profecia em Dante não tem referência a alguma previsão nem é antecipadora. Influência da visão bíblica, onde a profecia é uma categoria da revelação, que exige a comunicação com outros da verdade, e clamando sua inserção numa realidade vivida, existencial? Julgamos poder afirmar que sim. O dizer de Dante é profético enquanto se faz inserção na existência pela participação nas esferas do finito e do infinito da inteligência e palavra humanas, com o próprio Espírito e Palavra de Deus.

E o que é objeto da proferia é o dizer *dêste* Espírito e *desta* Palavra, não em sua essência, mas no referir, como primeiras, em origens, as próprias Ações de Deus.

O que é a descoberta de Dante é êste encontro com Deus através de uma experiência, a sua, que é uma experiência da misericórdia de Deus. A Senhora Gentil e Lúcia no início do poema, não são a Misericórdia e a graça, que movem Beatriz e Virgílio, a Fé e a Razão para salvar o poeta “da selva escura, porque o reto caminho era perdido” (*Inf. I*, 2-3)?

E o cumprimento das Leis, a exigência de um saber liberar-se, não “volvendo os passos por uma senda menos verdadeira, seguindo falsas aparências de bem, que não sustentam nada que prometem” (*Purg. XXX*, 130-132), do seguir as virtudes

naturais, já dos pagãos, e que em Platão foram tão bem fundamentadas e ordenadas segundo a natureza profunda das coisas, são completados pelas virtudes teologais, pelos dons do Espírito Santo (*Purg.* XXIX, XXXI), e o Amor que é Deus mesmo, é apêlo e acolhida aos homens para o amarem: “sempre o Amor que regozija êste céu acolhe o que nêle entra com semelhante saudação, para o preparar ao fulgor da sua vista (*Par.* XXX, 52-54).

História e Profecia que vemos através das individualidades apresentadas, das opções feitas, das circunstâncias e ocasiões diversas, e do livre arbítrio. “Posso dizer-te que a razão humana sabe discernir aquilo que se lhe impõe e que se tem de crer pela fé. Tôda a substância espiritual que é distinta da matéria e ao mesmo tempo unida com o corpo, tem reunida em si uma virtude especial, que se não pode conhecer sem operar, nem pode demonstrar-se senão pelo efeito, como numa planta a vida se manifesta pelas fôlhas verdes. Mas o homem não sabe donde lhe vem a inteligência das notícias fundamentais e o amor das coisas que primitivamente apetece, as quais estão em nós, como está na abelha a inclinação de fabricar o mel; e estas primeiras tendências naturais não são suscetíveis de louvor nem de censura. Para que a esta primeira vontade não se ajunte qualquer outra bôa ou má, recebeste da natureza a razão, que te aconselha a dar o teu consentimento: é dela o princípio donde parte a causa do teu mérito, conforme acolhe e separa os bons amores dos máus. Aquêles que penetraram no âmago de tal matéria descobriram esta inata liberdade, e também ensinaram a sua filosofia moral. Por isso, suposto que todo o apetite surja em ti por fôrça de necessidade, tens sempre o poder de o sustar. A nobre virtude de que te falei, Beatriz chama-lhe livre arbítrio” (*Purg.* XVIII, 46-74); “o maior dom que na sua liberalidade nos concedeu Deus ao criar-nos, o mais conforme à sua bondade e o que Êle prefere, é a liberdade de arbítrio da qual estão dotadas tôdas as criaturas inteligentes e sòmente elas” (*Par.* V, 19-24).

História e proferia das distinções do temporal e do espiritual. E um exemplo dentre outros são os elogios, nos cantos X e XII do *Paraíso*, a Paulo Orósio, dos “Sete livros da História contra os pagãos”, o homem de fé absoluta que vê a

história determinada por um princípio e fim sagrados, e a Joaquim da Fiore, com seu “Evangelho Eterno”, de método profético-histórico de interpretação alegórica que, em visões escatológicas, procura discorrer sôbre as épocas de dispensações da Trindade, a constituirem as grandes épocas da história.

* * *

Se Dante nos traça a história do homem dentro do quadro de cultura de seu tempo e segundo sua fé religiosa, o que o impulsiona é o desejo de fazer aparecer em realce a unidade e integridade de tôdas as coisas, sob uma Luz e Amor divinos.

Sua obra, e sobretudo a “Comédia” chamada Divina, pelos pósteros, é uma Suma de verdades humanas e divinas, tudo harmônicamente relacionado segundo a natureza do ser e seu primeiro princípio e motor.

É também a história real do homem apanhada no seu acontecer vivido, e o seu objetivo é alcançar, pela visão da face dos condenados, a penitência, e o dispor-se a acolher positivamente a graça divina. Uma história íntima, do universo interior do homem, de seu caráter, de seus atos.

E a partir desta experiência com o tempo, é que se eleva para abarcar o homem em sua concreta e universalidade.

História e profecia como memória e esperança. E já a memória é *olvido*, (léthe), esquecimento, opondo-se ao que é primordial e ao que aconteceu, e é um *ter presente o bem praticado*, (eunoíe), reconhecimento, benevolência (*Purg.* XXVIII, 130-131, XXXIII 123-129). Memória — êste reter na mente — os fatos do passado tornado presente, que com amor e em amor nos façam ir a Deus. É conhecimento e amor, penetração com o intellecto até o fundamento de tudo, do que tem sido e é, e só a memória pode saber (*Par.* I). Mas neste apanhar de tudo, na totalidade do ser, prefigura e conhece o futuro.

Memória e esperança na “Comédia” que não se retêm em descrições. São substancialmente ontológicas e existenciais, no que se pode ver através da passagem da ordem dos fatos a um conhecer e saber dos mesmos, e daqui a um buscar a ordem do ser último.

História do homem, história da comunidade temporal e espiritual que caminha a um termo, e neste se encontra definitivamente um juízo.

História vista no curso efetivo das ações humanas, do homem em seus méritos e deméritos e nesta trama dos próprios atos, entram a inteligência e a liberdade humana diante da graça e misericórdia de Deus.

E a questão que se levanta é a da Justiça de Deus e de seu Amor. Também de sua soberana Liberdade na criação.

O tema da história da "Comédia" é o homem, o homem eterno no mistério de sua existência, situado entre a razão e a fé, seu poder e dever, na caminhada de um saber renunciar, recolher-se em si mesmo e conformar sua vontade com a de Deus, o que não significa um ser passivo, puro conformismo, mas uma atividade do saber dispor-se ao encontro com Deus.

E neste sentido falamos de História e Profecia, porque junção do contingente com o absoluto, história; e do tempo com a eternidade, — profecia; ou ainda a afirmação da presença do absoluto no tempo, que não é senão Deus mesmo.

E daí enquanto profecia ela denuncia, em seu tempo, e para todos os tempos, as pretensões humanas, parciais e extremadas, de superestima ou desestima dos bens terrestres, seja nos indivíduos, ou nas comunidades, política ou eclesial, que causam a desorganização intrínseca e externa, (lembremo-nos das três feras do *Inf.* I, incontidência, malícia, bestialidade, do esquema aristotélico, *Inf.* XI, 79-84), sem o discernimento do relativo e absoluto, do contingente e necessário, do acidental e essencial.

Profecia como apêlo a um julgamento, único aliás, do autor e motor da história. E daí profecia como clamor ao reconhecimento pelos homens das leis e normas eternas; também apêlo aos que receberam a revelação de Deus.

Profecia — apêlo à consciência, das responsabilidades dos atos e palavras.

Além dos fatos, ela exige um ver, saber ver, considerar a ordem devida a cada coisa; o cumprimento natural das leis do ser, das normas do agir, que condicionam (não digo, causam) todo e qualquer desenvolvimento ulterior da história.

Profecia enquanto inteligência destas leis e indicação de caminhos, para que haja decisão do homem.

História fruto de uma decisão, e não de um arbitrário. Uma invenção ordenada, obediente às normas, e não prês a uma repetição do passado, porque se instaura sempre numa existência, novidade de cada instante, uma continuidade, é claro, do vivido, duração criadora, o tempo da esperança, como tempo da humanidade, esta família de Deus, originada do tronco adâmico e aí enfraquecida pelo pecado, mas família de Deus, redemida pelo nôvo Adão, Cristo.

"Esperem em ti, os que te sabem o nome; porém, quem o não sabe, se possui a fé que eu possuo? Infundiste-me o teu espírito de maneira que dêle estou imbuído e comunico a outros a sua eficácia". (*Par.* XXV, 73-78).